

**FORMAÇÃO DOCENTE E ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO
LETRAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS****TEACHER EDUCATION AND LITERACY: CONTRIBUTIONS OF READING AND
WRITING DEVELOPMENT TO THE IMPROVEMENT OF PEDAGOGICAL
PRACTICES**

Mariana de Fátima Ferreira¹

Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva ²

RESUMO: Este artigo teve como objetivo analisar a formação docente e a alfabetização, destacando as contribuições do letramento para o desenvolvimento das práticas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo parte da compreensão de que alfabetizar não se limita ao ensino de letras, sílabas e palavras, mas envolve a criação de situações em que a criança compreenda a leitura e a escrita como práticas sociais presentes em seu cotidiano. A pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em estudos sobre formação de professores, alfabetização, letramento e práticas pedagógicas. Os resultados apontaram que a formação docente é essencial para que o professor alfabetizador atue com planejamento, sensibilidade e intencionalidade. Também se observou que o letramento contribui para tornar a alfabetização mais significativa, ao aproximar o ensino da escrita de textos reais, gêneros diversos, leitura compartilhada e produção textual. Conclui-se que práticas pedagógicas orientadas pelo letramento favorecem aprendizagens mais participativas, contextualizadas e inclusivas.

¹ Mestranda em ciências da educação, Christian Business School- França

² Ph.D. e Doutora em Educação pela Christian Business School (CBS), com título de Doutora em Educação reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Mestre em Educação pela CBS, com título reconhecido pela UFAL; especialista em Escrita Acadêmica Avançada e Psicopedagogia. Graduada em Pedagogia, professora da Educação Básica e pesquisadora na área de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Professora, orientadora e examinadora científica, com atuação em Educação Especial, Atendimento Educacional Especializado (AEE), Neuropsicopedagogia e Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Orientadora da Christian Business School (França) e docente/tutora em programas de formação superior e pós-graduação. Diretora Cultural da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), quadriênio 2022–2026. e-mail: rozineide.pereira1975@gmail.com.

Palavras-chave: Formação docente. Alfabetização. Letramento. Práticas pedagógicas. Anos iniciais.

ABSTRACT: This article aimed to analyze teacher education and literacy, highlighting the contributions of reading and writing development to the improvement of pedagogical practices in the early years of Elementary Education. The study is based on the understanding that literacy instruction is not limited to teaching letters, syllables, and words, but involves creating situations in which children understand reading and writing as social practices present in their daily lives. The research was developed through a qualitative and bibliographic approach, grounded in studies on teacher education, literacy, reading and writing development, and pedagogical practices. The results indicated that teacher education is essential for literacy teachers to work with planning, sensitivity, and intentionality. It was also observed that reading and writing development contributes to making literacy instruction more meaningful by bringing writing instruction closer to real texts, diverse genres, shared reading, and text production. It is concluded that pedagogical practices guided by reading and writing development foster more participatory, contextualized, and inclusive learning.

Keywords: Teacher education. Literacy. Reading and writing development. Pedagogical practices. Early years of Elementary Education.

1 INTRODUÇÃO

A formação docente ocupa um lugar essencial nas discussões sobre a qualidade da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Isso porque o trabalho do professor alfabetizador exige muito mais do que o domínio de métodos de ensino: envolve sensibilidade, planejamento, escuta e compreensão sobre como a criança aprende a ler, escrever e atribuir sentido à linguagem escrita.

Nesse contexto, o letramento aparece como uma contribuição importante para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, pois amplia a ideia de alfabetização para além da codificação e decodificação de palavras. Alfabetizar não significa apenas ensinar letras, sílabas e sons, mas possibilitar que os estudantes compreendam a leitura e a escrita como práticas presentes na vida social, utilizadas para comunicar, registrar, interpretar e participar do mundo.

A prática docente, quando orientada pelo letramento, torna-se mais próxima da realidade dos alunos. O professor passa a trabalhar com textos reais, gêneros variados, leitura compartilhada, produção escrita, oralidade, jogos linguísticos e situações que fazem sentido para a criança. Dessa forma, o processo de alfabetização deixa de ser apenas repetitivo e passa a envolver experiências mais significativas de aprendizagem.

Entretanto, muitos desafios ainda atravessam o cotidiano escolar. As turmas dos anos iniciais são marcadas por diferentes ritmos de aprendizagem, desigualdades de acesso à cultura escrita, dificuldades na leitura e na escrita, além da necessidade de formação continuada que fortaleça a atuação do professor alfabetizador. Diante disso, refletir sobre formação docente e letramento torna-se necessário para pensar caminhos pedagógicos mais inclusivos e eficazes.

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições do letramento para a formação docente e para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no processo de alfabetização. Busca-se compreender de que maneira o professor pode articular o ensino sistemático da escrita com práticas sociais de leitura e produção textual, favorecendo uma aprendizagem mais participativa, contextualizada e significativa.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos que discutem alfabetização, letramento, formação docente e práticas pedagógicas. As discussões apontam que a formação do professor alfabetizador precisa considerar tanto os conhecimentos teóricos sobre a língua escrita quanto as estratégias didáticas capazes de aproximar a escola da realidade dos estudantes. Conclui-se, portanto, que o letramento contribui para tornar a alfabetização mais viva, humana e comprometida com o direito de aprender.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, voltado à análise das contribuições do letramento para a formação docente e para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no processo de alfabetização. A escolha por esse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de compreender o tema a partir de

estudos já produzidos na área da educação, especialmente aqueles que discutem alfabetização, letramento, formação de professores e práticas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Gil (2022), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já publicados, como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais, permitindo ao pesquisador conhecer e analisar diferentes contribuições teóricas sobre determinado objeto de estudo. Dessa forma, este artigo buscou reunir fundamentos que ajudassem a compreender como o letramento pode fortalecer a atuação do professor alfabetizador e tornar as práticas pedagógicas mais significativas.

Para Severino (2016), a pesquisa bibliográfica exige leitura, seleção, análise e interpretação crítica das fontes consultadas, não se limitando à simples reprodução de ideias. Nesse sentido, o estudo foi construído por meio do levantamento de produções acadêmicas relacionadas ao tema, com atenção especial às discussões sobre alfabetização como apropriação do sistema de escrita e letramento como prática social da leitura e da escrita.

Os procedimentos metodológicos envolveram a seleção de obras e documentos que abordam a formação docente, a alfabetização, o letramento e as estratégias pedagógicas utilizadas nos anos iniciais. Como técnicas de pesquisa, foram utilizados fichamentos, leitura analítica e organização temática dos principais achados. O instrumento de coleta de dados foi o levantamento bibliográfico, por meio do qual foram identificadas ideias centrais que contribuíram para a construção das discussões apresentadas no artigo.

De acordo com Lakatos e Marconi (2021), a metodologia deve indicar os caminhos adotados pelo pesquisador para alcançar os objetivos propostos, esclarecendo os procedimentos utilizados na investigação. Assim, a análise dos materiais selecionados foi realizada de forma interpretativa, buscando relacionar os fundamentos teóricos com os desafios vivenciados na prática docente, principalmente no que se refere ao ensino da leitura e da escrita.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve participação direta de sujeitos, aplicação de questionários, entrevistas, observações em campo ou coleta de dados pessoais. Dessa maneira, não se fez necessária a submissão ao Comitê

de Ética em Pesquisa, uma vez que o estudo trabalhou exclusivamente com fontes de domínio acadêmico e científico. Também não foram utilizadas imagens de pessoas, registros fotográficos ou materiais que exigissem autorização de uso de imagem.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou construir uma reflexão teórica sobre a relação entre formação docente, alfabetização e letramento, evidenciando que o trabalho do professor alfabetizador precisa ser sustentado por conhecimento, planejamento e práticas pedagógicas contextualizadas. O percurso metodológico contribuiu, portanto, para compreender como o letramento pode ampliar as possibilidades de ensino e favorecer aprendizagens mais significativas nos anos iniciais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Formação docente e o papel do professor alfabetizador

A formação docente é um dos elementos centrais para compreender a qualidade das práticas pedagógicas no processo de alfabetização. O professor alfabetizador não atua apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador das primeiras relações da criança com a leitura, a escrita e os sentidos produzidos pela linguagem.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, essa responsabilidade se torna ainda mais significativa. É nesse período que muitas crianças constroem as bases da leitura e da escrita, desenvolvem maior contato com os textos e começam a compreender a função social da linguagem escrita.

Nóvoa (2022) defende que a formação dos professores precisa estar ligada à valorização da escola e à construção coletiva da profissão docente. Nesse sentido, formar professores não significa apenas oferecer cursos ou orientações pontuais, mas criar espaços de reflexão sobre a prática, sobre os desafios da sala de aula e sobre os modos de ensinar e aprender.

A prática alfabetizadora exige conhecimento teórico, mas também exige sensibilidade diante da realidade dos estudantes. Cada criança chega à escola com

experiências diferentes em relação à leitura e à escrita. Algumas convivem com livros, histórias e textos desde cedo, enquanto outras têm pouco acesso a esses materiais em casa.

Por isso, Tardif (2014) afirma que os saberes docentes são construídos na relação entre formação, experiência profissional, contexto escolar e vivências do professor. O trabalho pedagógico, portanto, não nasce apenas dos livros ou das prescrições curriculares, mas também da observação da turma, da escuta das crianças e das decisões tomadas no cotidiano escolar.

Nesse contexto, a formação docente precisa ajudar o professor a compreender como a criança aprende, quais dificuldades podem surgir no processo de alfabetização e quais estratégias podem favorecer a aprendizagem. Uma formação mais próxima da prática contribui para que o professor alfabetizador atue com mais segurança, planejamento e intencionalidade.

Freire (1996) também contribui para essa reflexão ao destacar que ensinar exige compromisso, diálogo e respeito aos saberes dos educandos. Na alfabetização, isso significa reconhecer que a criança não é um sujeito vazio, mas alguém que já observa o mundo, interpreta sinais, reconhece marcas escritas e constrói hipóteses sobre a linguagem.

Assim, a formação docente voltada à alfabetização precisa unir teoria e prática. O professor precisa conhecer os fundamentos da alfabetização, mas também precisa saber transformar esse conhecimento em ações pedagógicas concretas, capazes de acolher as diferenças e garantir o direito de aprender.

3.2 Alfabetização e letramento: relações necessárias na prática pedagógica

A alfabetização e o letramento são conceitos diferentes, mas profundamente relacionados. A alfabetização envolve a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, ou seja, a compreensão das relações entre letras, sons, sílabas, palavras e textos. Já o letramento diz respeito ao uso social da leitura e da escrita.

Soares (2004) explica que alfabetização e letramento devem ser compreendidos como processos distintos, porém inseparáveis na prática pedagógica. A criança precisa aprender o funcionamento da escrita, mas também

precisa compreender para que se lê, para quem se escreve e em quais situações os textos são utilizados.

Essa compreensão muda a forma de ensinar. Quando a alfabetização é trabalhada apenas por meio da repetição de letras e sílabas, sem relação com textos reais, a aprendizagem pode se tornar mecânica e pouco significativa. O aluno até pode memorizar palavras, mas nem sempre compreende o uso da escrita em sua vida.

Kleiman (1995) contribui para esse debate ao tratar o letramento como uma prática social. Isso significa que a leitura e a escrita não existem apenas dentro da escola, mas circulam em diferentes espaços, como a família, a comunidade, os meios digitais, os documentos, os livros, os bilhetes, as placas e as conversas do cotidiano.

Nesse sentido, alfabetizar letrando é criar situações em que a criança aprenda o sistema de escrita ao mesmo tempo em que participa de práticas reais de linguagem. A leitura de histórias, a escrita de listas, a produção de bilhetes, o contato com poemas, parlendas, receitas e outros gêneros textuais ajudam a tornar a alfabetização mais viva.

Morais (2012) destaca que a criança precisa refletir sobre o sistema de escrita alfabética para se alfabetizar. Isso quer dizer que o letramento não substitui o ensino sistemático da escrita. Pelo contrário, ele amplia esse ensino, tornando-o mais contextualizado e próximo da realidade dos estudantes.

A Base Nacional Comum Curricular também reforça que, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, garantindo que os estudantes tenham oportunidades de se apropriar do sistema de escrita alfabética (BRASIL, 2018). Esse direcionamento evidencia a importância de um trabalho planejado desde o início da escolarização.

Portanto, alfabetização e letramento precisam caminhar juntos. O professor alfabetizador deve ensinar letras, sons, palavras e textos, mas sem perder de vista que a escrita tem função social. A criança aprende melhor quando entende que ler e escrever servem para comunicar, registrar, imaginar, informar, brincar e participar do mundo.

3.3 Contribuições do letramento para o desenvolvimento das práticas pedagógicas

O letramento contribui para o desenvolvimento das práticas pedagógicas porque aproxima a alfabetização da vida real dos estudantes. Quando o professor trabalha com textos que circulam socialmente, a criança percebe que a leitura e a escrita não são apenas tarefas escolares, mas instrumentos de comunicação e participação.

Essa perspectiva torna a prática docente mais significativa. Em vez de trabalhar apenas com palavras soltas, o professor pode utilizar histórias, listas, músicas, cartas, convites, receitas, notícias, parlendas e outros gêneros textuais. Esses materiais ajudam a criança a compreender que cada texto tem uma finalidade.

Segundo Soares (2020), toda criança pode aprender a ler e escrever quando há ensino intencional, sistemático e adequado às suas necessidades. Essa ideia reforça que a alfabetização não deve depender apenas da maturidade da criança ou do apoio familiar, mas de uma prática pedagógica bem organizada.

O letramento também favorece a participação dos estudantes nas atividades. Quando a criança escreve uma lista de brincadeiras, lê uma cantiga conhecida ou participa da produção coletiva de um texto, ela se envolve mais no processo, porque percebe sentido naquilo que está fazendo.

Ferreiro e Teberosky (1999) mostram que a criança constrói hipóteses sobre a escrita antes de dominá-la convencionalmente. Por isso, as práticas pedagógicas precisam permitir que ela pense, compare, teste possibilidades, erre, revise e avance. O erro, nesse processo, não deve ser visto como fracasso, mas como parte da construção da aprendizagem.

As práticas de letramento também ajudam o professor a lidar melhor com a heterogeneidade da turma. Como os estudantes apresentam diferentes níveis de aprendizagem, atividades variadas permitem que cada criança participe de acordo com suas possibilidades, ao mesmo tempo em que é desafiada a avançar.

Imbernón (2011) destaca que a formação docente precisa estar vinculada à mudança da prática e à reflexão sobre o contexto escolar. Dessa forma, o letramento não deve aparecer apenas como conceito teórico, mas como orientação

para planejar aulas mais dinâmicas, inclusivas e conectadas com a realidade dos alunos.

Assim, as contribuições do letramento para a prática pedagógica estão relacionadas à construção de uma alfabetização mais humana, contextualizada e participativa. Quando o professor compreende a leitura e a escrita como práticas sociais, ele amplia as possibilidades de aprendizagem e fortalece o papel da escola na formação de sujeitos mais autônomos, críticos e capazes de interagir com diferentes textos e contextos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise bibliográfica realizada, os resultados foram organizados em torno de três eixos principais: a importância da formação docente para a alfabetização, as contribuições do letramento para as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados pelo professor alfabetizador nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, os resultados não se referem a dados coletados em campo, mas aos achados teóricos identificados nas obras analisadas.

O primeiro resultado aponta que a formação docente é um elemento indispensável para a qualidade da alfabetização. O professor alfabetizador precisa compreender como a criança aprende, quais hipóteses constrói sobre a escrita e de que maneira pode ser acompanhada em seu processo de desenvolvimento. Nesse sentido, Nóvoa (2022) contribui ao afirmar que a formação de professores deve estar vinculada à realidade da escola, à reflexão sobre a prática e à construção coletiva da profissão docente.

Esse resultado mostra que a formação docente não pode ser vista apenas como participação em cursos isolados ou cumprimento de exigências institucionais. Ela precisa dialogar com os desafios reais da sala de aula, principalmente porque alfabetizar exige tomada de decisões constantes. O professor observa, intervém, reorganiza atividades, acompanha avanços e busca novas estratégias quando percebe que determinados caminhos não estão favorecendo a aprendizagem.

Tardif (2014) ajuda a compreender essa questão ao destacar que os saberes docentes são formados por diferentes dimensões, envolvendo conhecimentos acadêmicos, experiências profissionais, saberes curriculares e vivências construídas no cotidiano escolar. Assim, a prática alfabetizadora não depende somente de métodos, mas também da forma como o professor interpreta sua turma, reconhece as dificuldades dos estudantes e transforma seus conhecimentos em ações pedagógicas concretas.

O segundo resultado evidencia que o letramento amplia as possibilidades da alfabetização, pois aproxima a leitura e a escrita de situações reais de uso. Soares (2004) explica que alfabetização e letramento são processos distintos, mas inseparáveis. A alfabetização envolve a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, enquanto o letramento está relacionado ao uso social da leitura e da escrita. Quando esses processos caminham juntos, a aprendizagem tende a ser mais significativa.

Essa discussão é importante porque ainda existem práticas escolares muito centradas na repetição de letras, sílabas e palavras descontextualizadas. Embora o ensino sistemático da escrita seja necessário, ele não pode acontecer distante dos textos e de suas funções sociais. A criança precisa compreender que se lê e se escreve para comunicar, registrar, imaginar, informar, brincar, organizar ideias e participar da vida em sociedade.

Kleiman (1995) reforça essa compreensão ao tratar o letramento como prática social. Isso significa que a leitura e a escrita não pertencem apenas ao espaço escolar, mas circulam em diferentes contextos da vida cotidiana. Dessa forma, quando o professor utiliza bilhetes, listas, receitas, histórias, poemas, cantigas, convites e outros gêneros textuais em sala de aula, ele aproxima a alfabetização da realidade dos estudantes.

O terceiro resultado mostra que as práticas pedagógicas orientadas pelo letramento favorecem maior participação dos alunos. Atividades como leitura compartilhada, rodas de conversa, produção coletiva de textos, jogos com palavras e exploração de diferentes gêneros textuais ajudam a criança a perceber sentido no que aprende. Com isso, a alfabetização deixa de ser apenas uma tarefa técnica e passa a ser uma experiência de construção de significados.

Morais (2012), entretanto, lembra que o trabalho com letramento não elimina a necessidade de ensinar o sistema de escrita alfabética. A criança precisa refletir sobre letras, sons, sílabas e palavras para compreender como a escrita funciona. Portanto, o desafio do professor está em equilibrar o ensino sistemático da escrita com práticas sociais de leitura e produção textual.

Esse equilíbrio é uma das principais contribuições do letramento para a prática pedagógica. O professor pode trabalhar consciência fonológica, reconhecimento de letras, formação de palavras e leitura de pequenos textos sem transformar a aula em uma sequência mecânica de exercícios. Quando há intencionalidade pedagógica, o ensino do código escrito pode acontecer dentro de situações significativas.

Ferreiro e Teberosky (1999) também contribuem para essa análise ao mostrarem que a criança constrói hipóteses sobre a escrita antes mesmo de dominar o sistema alfabético. Esse resultado é relevante porque muda o olhar do professor sobre o erro. Em vez de compreender o erro como fracasso, o docente passa a percebê-lo como parte do processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, a criança precisa ser estimulada a pensar sobre a escrita, comparar palavras, levantar hipóteses, tentar escrever, revisar e avançar. A prática docente, portanto, precisa criar oportunidades para que os estudantes participem ativamente do processo de alfabetização, sem medo de errar e sem serem reduzidos às suas dificuldades.

Outro achado importante refere-se à heterogeneidade das turmas. Nos anos iniciais, é comum que os estudantes apresentem diferentes níveis de aprendizagem, experiências familiares, ritmos e repertórios culturais. Esse cenário exige do professor uma prática mais flexível, capaz de propor atividades diversificadas e acompanhar cada criança de maneira mais próxima.

A Base Nacional Comum Curricular reforça que a alfabetização deve ser foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, garantindo às crianças oportunidades de apropriação do sistema de escrita alfabética (BRASIL, 2018). Essa orientação evidencia que alfabetizar é uma responsabilidade da escola e não pode depender apenas das condições familiares ou do esforço individual do estudante.

Nesse sentido, a discussão com os autores permite compreender que o fracasso na alfabetização não pode ser atribuído somente à criança. Muitas vezes, as dificuldades estão relacionadas à ausência de práticas adequadas, à fragilidade da formação continuada, à falta de recursos pedagógicos, à descontinuidade das políticas públicas e às condições concretas de trabalho docente.

Imbernón (2011) contribui para essa reflexão ao defender que a formação docente precisa estar articulada à transformação da prática e ao contexto em que o professor atua. Assim, pensar a alfabetização a partir do letramento exige também investir na formação continuada dos professores, na troca de experiências entre os docentes e no fortalecimento do planejamento pedagógico coletivo.

Os resultados também apontam que o letramento favorece práticas pedagógicas mais inclusivas. Quando o professor utiliza diferentes textos, linguagens e estratégias, amplia as possibilidades de participação dos estudantes. Crianças que ainda não leem convencionalmente podem participar de rodas de leitura, antecipar sentidos por imagens, reconhecer palavras conhecidas, produzir oralmente textos coletivos e interagir com a escrita de diferentes maneiras.

Essa compreensão torna a alfabetização mais humana, pois reconhece que cada estudante aprende a partir de uma trajetória própria. O professor alfabetizador, nesse contexto, precisa observar os pequenos avanços, valorizar as tentativas, propor intervenções e manter expectativas positivas sobre a capacidade de aprendizagem de todos.

Dessa forma, a discussão dos resultados evidencia que o letramento contribui significativamente para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, pois amplia o sentido da alfabetização e fortalece o papel do professor como mediador da aprendizagem. A leitura e a escrita deixam de ser trabalhadas apenas como conteúdos escolares e passam a ser compreendidas como práticas sociais, culturais e formativas.

Conclui-se, portanto, que a formação docente e o letramento são dimensões essenciais para qualificar a alfabetização nos anos iniciais. Os autores analisados mostram que alfabetizar exige conhecimento teórico, planejamento, sensibilidade, intervenção pedagógica e compromisso com o direito de aprender. Assim, práticas pedagógicas fundamentadas no letramento podem contribuir para uma escola mais

significativa, participativa e capaz de formar leitores e escritores em processo de construção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que a formação docente é um elemento essencial para o fortalecimento das práticas pedagógicas no processo de alfabetização. Ao longo do estudo, observou-se que alfabetizar exige muito mais do que ensinar letras, sílabas e palavras, pois envolve criar condições para que a criança compreenda a leitura e a escrita como práticas sociais, culturais e formativas.

Os resultados discutidos evidenciaram que o letramento contribui diretamente para tornar a alfabetização mais significativa. Quando o professor trabalha com textos reais, gêneros variados, leitura compartilhada, produção escrita, oralidade e situações próximas da realidade dos estudantes, a aprendizagem deixa de ser apenas mecânica e passa a ter mais sentido para a criança.

Também se conclui que a formação do professor alfabetizador precisa estar ligada à prática cotidiana da escola. Não basta oferecer formações distantes da realidade da sala de aula. É necessário criar espaços de reflexão, planejamento coletivo e troca de experiências, para que os docentes possam repensar suas estratégias e encontrar caminhos mais adequados às necessidades dos alunos.

Outro ponto importante observado foi que o letramento não substitui o ensino sistemático da escrita. Pelo contrário, ele amplia esse processo, pois possibilita que o professor ensine o sistema de escrita alfabética dentro de práticas reais de uso da linguagem. Assim, a criança aprende letras, sons, palavras e textos, mas também compreende por que lê, para quem escreve e em quais situações a escrita se faz necessária.

A pesquisa também apontou que os desafios da alfabetização não podem ser atribuídos apenas ao estudante ou ao professor. Eles envolvem fatores como desigualdades sociais, falta de recursos pedagógicos, fragilidade da formação continuada, turmas heterogêneas e condições de trabalho. Por isso, o fortalecimento

da alfabetização depende de ações conjuntas entre professores, gestores, famílias e políticas públicas educacionais.

Quanto à aplicação empírica, este estudo pode contribuir para a comunidade científica e escolar ao reforçar a necessidade de práticas pedagógicas mais contextualizadas, participativas e inclusivas. As reflexões apresentadas podem auxiliar professores alfabetizadores, coordenadores pedagógicos e pesquisadores na construção de propostas formativas voltadas ao desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais.

Por fim, destaca-se a importância de novas pesquisas sobre formação docente, alfabetização e letramento, especialmente estudos que investiguem práticas desenvolvidas em sala de aula, experiências exitosas de professores alfabetizadores e os impactos da formação continuada na aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, o tema permanece relevante para o campo educacional e para a construção de uma escola mais comprometida com o direito de aprender.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração de Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.